



As vozes da Amazônia: inventariando a produção literária em Rondônia

The voices of Amazon: inventorying literary production in Rondônia

Seção Livre

Mara Genecy Centeno Nogueira*

ORCID: 0000-0001-8243-8759

E-mail:

maracenteno@unir.br

Sonia Maria Gomes Sampaio**

ORCID: 0000-0003-4466-4397

E-mail:

soniagomesampaio@gmail.com

Larissa Gotti Pissinatti***

ORCID: 0000-0002-7964-7063

E-mail:

larissa.pissinatti@unir.br

Recebido: 19/03/2024

Aprovado: 10/02/2025

Resumo:

O artigo proposto aborda a presença da literatura em Rondônia, explorando como essa expressão artística foi delineada a partir dos anos 70, notadamente através dos inventários conduzidos pela Academia de Letras de Rondônia - ACLER. Ao analisar, observamos uma narrativa predominante que se originou na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, inicialmente, e posteriormente se vinculou a um projeto que buscava exaltar figuras colonizadoras do Estado, como Marechal Rondon, Aluísio Pinheiro e Jorge Teixeira. A busca por compreender a memória literária de Rondônia revelou, por meio dos inventários, uma série de omissões em relação à literatura oral praticada por nativos de diversos povos originários e pelas populações beradeiras e quilombolas dessa parte da Amazônia. Além disso, identificamos outros silenciamentos que obscureceram uma base literária significativa constituída por trabalhadores da ferrovia e por indivíduos que expressaram sua poética através de jornais desde 1917, cujas produções não foram devidamente destacadas. É crucial ressaltar que nossa intenção não é rotular a literatura de Rondônia, mas evidenciar a complexidade desse processo. Segundo Márcio Souza (2014), rótulos como "literatura amazônica" ou "literatura regional" são limitantes e culturalmente descontextualizados. Argumenta ainda que o regionalismo é muitas vezes percebido de forma condescendente, associado a uma falta de excelência literária porque as obras são originárias de regiões consideradas periféricas, como é o caso da região norte do Brasil. Assim, os resultados evidenciam que compreender a diversidade e riqueza da produção literária em Rondônia, possibilita ir além dos estereótipos e ampliar as perspectivas sobre a expressão cultural dessa localidade.

Palavras-chave:

Literatura de Rondônia; Produção Literária; Amazônia.

Abstract:

The presented article approaches the presence of literature in

* Professora doutora do Departamento Acadêmico de História - DAH e dos Programas de Mestrado Acadêmico em História da Amazônia - PPGHAM e do Mestrado e Doutorado em Letras - PPGL, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

** Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) (2010). Professora Titular da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias (GPCLAM). Atua no Programa de Mestrado e Doutorado em Letras-PPGL/UNIR. Pesquisa os seguintes temas: Literatura da/na Amazônia, Memória, Pós-colonialismo, Medo e Encantaria.

*** Professora Adjunta da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. cursou Graduação em Filosofia no Centro Universitário Assunção (2001), Mestrado Acadêmico em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia (2016), Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Maringá (2020) e Pós-Doutorado em Literatura na Universidade Federal de Roraima (2025). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM. Participa do Programa Mestrado Acadêmico em Estudos Literários. Tem experiência na área de Letras, atuando nos seguintes temas: Literatura, Literatura infantil e juvenil, Amazônia, Educação, Mulher e Estudos pós-coloniais/decoloniais.

Rondônia, exploring how this artistic expression was outlined from the 70s on, notably through the inventories conducted by Rondônia Academy of Language Arts - ACLER. During the analysis, we observed the predominance of a narrative that originated from the Madeira Mamoré Railway construction, initially, and subsequently was linked to a project that sought to exalt colonizing figures of the state, such as Marechal Rondon, Aluizio Pinheiro e Jorge Teixeira. The search to comprehend the literary memory of Rondônia revealed, through the inventories, a series of omissions regarding oral literatures practiced by many native peoples and also by riversiders and quilombolas populations of this Amazonian area. Furthermore, we have identified other silencings that obscured a significant literary basis constituted by railway workers and individuals that expressed their poetry through newspapers since 1917, whose productions weren't properly highlighted. It is crucial to emphasize that our intention is not to label Rondônia's literature, but to reveal the complexity of this process. According to Márcio Souza (2014), labels such as "Amazonian literature" or "regional literature" are limiting and culturally decontextualized. He argues that most of the time regionalism is perceived in a condescending way, associated with a lack of literary excellence because the works originate from areas considered peripheral, which is the case of Brazil's North region. Therefore, the results show that understanding the diversity and richness of the literary production in Rondônia enables us to go beyond stereotypes and to expand perspectives concerning the cultural expression of this place.

Keywords:

Rondônia Literature; Literary Production; Amazon.

Existe Literatura em Rondônia?

Existe literatura em Rondônia? A indagação sobre a presença de literatura em Rondônia ressoa em nossos ouvidos com frequência. Por vezes, essa pergunta assume uma tonalidade irônica quando feita por alguns interlocutores, enquanto para outros revela um completo desconhecimento em relação à rica produção literária da região. Em diferentes contextos, somos confrontados com a assertiva de que essa produção é secundária, sendo desconsiderada como um tema digno de investigação nos programas de mestrado oferecidos pela única universidade pública em Rondônia, a UNIR.

Contudo, é imperativo transcender essas percepções superficiais e questionar se tais avaliações realmente capturam a complexidade e diversidade da expressão literária em Rondônia. A desconsideração da produção literária local pode ser resultado de preconceitos arraigados ou de uma visão limitada que negligencia a riqueza cultural e artística que permeia essa região.

Sabemos que a circulação da literatura produzida em Rondônia é bastante restrita. Algumas obras contam com o financiamento do governo, enquanto a grande maioria é custeada pelos próprios autores, resultando em edições limitadas e alcançando um público reduzido. Além disso, o Estado não conta com autores de renome comparáveis a Dalcídio Jurandir, Inglês de Sousa e Benedicto Monteiro de Belém, ou Márcio Souza e Milton Hatoum no Amazonas. No entanto, Rondônia apresenta

escritores notáveis, como Paulo Cordeiro Saldanha e Antônio Cândido, membros da velha guarda literária. Entre os mais jovens, destacam-se Simon Oliveira e Elizeu Braga, entre outros, que, embora ainda não tenham conquistado o mercado editorial de maneira expressiva, estão conseguindo construir um público leitor significativo.

É digno de nota que, mesmo sem a presença de autores consagrados nacionalmente, esses escritores locais têm obtido reconhecimento acadêmico. Suas obras tornaram-se objetos de pesquisa em trabalhos de conclusão de curso de graduação e dissertações de mestrado, demonstrando uma presença relevante no meio acadêmico. Assim, mesmo diante dos desafios enfrentados no cenário literário, esses escritores em ascensão conseguem superar as limitações, ampliando sua influência para além das fronteiras da academia e conquistando leitores fiéis.

Feito tal parêntese, se faz importante destacar que para garantir o percurso deste texto, fomos em busca de fontes que apresentassem a produção literária de Rondônia. Quatro obras foram importantes para nossa investigação. A primeira intitulada *Síntese da Literatura de Rondônia* (1984), de Matias Mendes e Eunice Bueno; *Literatura de Rondônia* (1987), de Edson Jorge Badra; *Questões da Literatura de Rondônia* (1992), de Viriato Moura e, *Literatura e História – vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim* (2021), de Auxiliadora dos Santos Pinto. Com exceção da última, as demais partem de uma produção literária forjada na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Ressaltamos que os inventários em questão foram conduzidos por membros da Academia de Letras de Rondônia - ACLER, uma instituição que, conforme observado por Souza (2011), é composta predominantemente por indivíduos de status elevado, mais do que por figuras eminentemente ligadas à produção literária. Essa característica intrínseca à composição da ACLER sugere, desde logo, a natureza excludente desses levantamentos, evidenciando de maneira inequívoca a distinção entre os produtos considerados como literatura e aqueles que permaneceram à margem dessa produção, seja ela oral ou escrita.

Literatura Rondoniense: dos relatos de viagens à poética de Rondônia

Pelas obras consultadas, notamos que é evidente a ausência de um levantamento abrangente da literatura em Rondônia anterior à década de 70. Observamos que o surgimento dessa produção literária está intrinsecamente ligado às obras desenvolvidas durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Além disso, é notável que tais inventários focalizaram exclusivamente as obras publicadas por autores dos dois municípios conectados pela linha férrea – Porto Velho e Guajará-Mirim –, negligenciando, assim, o que foi produzido nos demais municípios.

Essa abordagem restritiva resultou na exclusão de muitas vozes, uma vez que a definição de literatura foi limitada apenas ao que foi publicado, desconsiderando, por exemplo, a rica tradição oral proveniente dos diversos povos originários e das comunidades beradeiras e quilombolas que se estabeleceram na região que hoje conhecemos como Estado de Rondônia. Essa seleção elitista silenciou importantes expressões literárias, contribuindo para uma visão parcial e incompleta da riqueza cultural literária dessa localidade.

Os inventariantes, a exemplo dos primeiros colonizadores da Amazônia, encobriam as bases culturais indígenas, como inferiu Villafane (2011, p. 9),

[...] muitos estudiosos negam o estatuto de literatura a relatos, canções, poemas e fábulas indígenas, os nomeando – por obrigação de nomeá-los de alguma maneira – como mitos e lendas, ou mais precisamente na condição de folclore.

Quando observadas sob essa perspectiva, as narrativas orais provenientes de diversos povos não foram reconhecidas como literatura no passado, e tampouco durante a elaboração dos inventários. Isso ocorreu devido a sua origem em sociedades ágrafas, onde a produção literária não estava vinculada a um único narrador, mas sim à coletividade. Da mesma forma, as narrativas orais das populações beradeiras acerca dos encantados das águas e da floresta enfrentaram a mesma exclusão dessa definição restritiva de literatura.

Essas narrativas, permeadas por tradições orais e coletivas, não se encaixaram nos moldes convencionais que, muitas vezes, valorizam tão somente a autoria individual. Ao negligenciar essas formas de expressão, não foi limitada apenas a compreensão da literatura, mas também se desconsiderou a riqueza cultural e a complexidade das narrativas transmitidas ao longo das gerações.

Nessa perspectiva, torna-se evidente que a produção oral das comunidades originárias, beradeiras e quilombolas de Rondônia foi sistematicamente ignorada pelos inventariantes responsáveis. Esses pesquisadores optaram por manter o silêncio em relação à valiosa contribuição desses grupos, concentrando seus levantamentos exclusivamente em autores, de preferência, associados ao círculo da Academia de Letras de Rondônia.

Essa escolha deliberada de focar predominantemente os membros da Academia de Letras de Rondônia reforça a exclusão de perspectivas literárias diversas, deixando de lado as narrativas orais ricas em tradições, mitos e histórias transmitidas ao longo de gerações. Ao negligenciar essas vozes, os inventariantes não apenas perpetuaram um viés eurocêntrico em suas abordagens, mas também contribuíram para a marginalização das contribuições literárias provenientes das comunidades em questão nessa pesquisa, enriquecidas por sua conexão íntima com a terra e suas tradições culturais profundas. Este cenário ressalta a necessidade premente de uma visão mais inclusiva e equitativa na

identificação e preservação da riqueza literária em Rondônia.

Além das omissões previamente mencionadas, é importante salientar outra lacuna significativa que se destaca: a desconsideração pelos poemas legados pelos trabalhadores que contribuíram para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Os poemas produzidos por esses trabalhadores, que desempenharam um papel primordial na construção da ferrovia, são testemunhos literários valiosos que oferecem uma perspectiva única sobre suas experiências, emoções e desafios enfrentados durante esse empreendimento monumental. A exclusão dessas expressões poéticas do escopo dos inventários contribui para uma visão incompleta da riqueza literária em Rondônia, subestimando a importância das vozes daqueles que moldaram a paisagem cultural e histórica da região por meio de sua árdua labuta na ferrovia.

Nesse contexto, podemos dizer que a primeira fase da literatura em Rondônia encontra-se firmemente ancorada em relatos de viajantes e narrativas históricas centradas na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Entre os produtos dedicados à história da referida linha férrea, destaca-se *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré* (1947), uma obra elaborada por Neville B. Craig, engenheiro vinculado à ferrovia. Da mesma forma, merece destaque a contribuição de Pinto Pessôa, engenheiro que, durante os anos 20, percorreu Porto Velho, resultando na obra *Selva Selvagem no País das Amazonas* (1923). Este relato proporciona uma visão do complexo ferroviário e da Amazônia brasileira.

Adicionalmente, *Ferrovia do Diabo* (1987) é uma obra significativa desenvolvida por Manoel Rodrigues Ferreira, um historiador que meticulosamente mapeou fontes primárias e secundárias. Seu trabalho é reconhecido como uma das mais importantes contribuições para a compreensão da história da Madeira-Mamoré. Essas obras, juntamente com outras, consolidam um rico acervo de conhecimento que retrata os diferentes aspectos e desafios enfrentados durante a construção e operação dessa ferrovia na Amazônia.

O relato de Craig e o trabalho histórico de Manoel Ferreira contribuíram para que obras ficcionais surgissem por meio de autores que não nasceram e nem moraram em Rondônia, mas que produziram romances tendo por mote a referida linha férrea: Barros Ferreira com *Romance da Madeira-Mamoré* (1950), Márcio Souza, com *Mad Maria* (1980), e Kurt Falkenburger com o romance denominado *As Botas do Diabo* (1971).

Além das obras já mencionadas, vale destacar que as poesias de R. S. Stout e B. A. de Bourbel¹, ambos trabalhadores da ferrovia, também desempenham um papel fulcral no enriquecimento das representações ligadas à instauração da modernidade na densa floresta amazônica, especialmente durante a construção da Estrada de Ferro Madeira-

¹ Os nomes R. S. Stout e B. A. de Bourbel são nomes de trabalhadores da ferrovia que tiveram seus poemas publicados no livro de autoria de Rose Neeleman e Gary Neeleman.

Mamoré. Embora essas poesias não tenham sido diretamente referenciadas, elas contribuem de maneira fundamental para o conjunto de representações que emergem desse período de transformação histórica.

A construção da ferrovia serviu como fonte inspiradora para uma série de obras que adotaram signos como o "Diabo" e o "Trem". Exemplificando tal influência, temos obras como *Ferrovia do Diabo* e *As Botas dos Diabo* ou *Trem Fantasma – a modernidade na selva* (1988) de Francisco Foot Hardman, *Trem Vivo – viagem ao imaginário da ferrovia do diabo* (2013) de Viriato Moura, Yêdda Borzacov e Samuel Castiel, assim como *Trem das Almas* (2020) de Simon Oliveira. Estas obras, ao adotarem tais signos, desencadeiam um espetáculo literário marcado por elementos dantescos, retratando o inferno vivido na terra das seringueiras e o árduo labor imposto aos trabalhadores oriundos de mais de cinquenta nacionalidades que desembarcaram em Porto Velho na condição de ferroviários, como podemos observar nos excertos das poesias produzidas pelos dois trabalhadores,

“A Terra das Seringueiras”

[...] É uma velha zona quente como inferno,
E não fica nada longe dos devãos
Onde o diabo cozinha seus fantasmas
E dança e salta em torno de seus caixões.
[...] Sem precisar procurar muito tempo
Se encontre um canto do inferno no Brasil.
O que é preciso é ter mais de sete vidas,
E mergulhar em quinino num barril.
[...] Será que lamentamos estar aqui,
Nesta terra de árvores de borracha?
Chove todo dia, mas ainda bem,
Pois o que se quer é voltar pra casa.
Algum dia eu vou deixar este lugar? [...]
Pergunte ao mosquito a picar pela meia,
Ao bicho-do-pé que dorme na sua derme.
Ao inseto rubro que arde como brasa,
Pergunte àquela coisa a que chamam carne (STOUT. Apud: NEELEMAN;
NEELEMAN, 2011, p. 92-94).

“Trabalho”

O trabalho nunca termina
Nesta febril ferrovia.
Não há tempo para alegria.
Aos prazeres sempre diga “Outro dia”,
O trabalho nunca termina.
[...] O trabalho não acaba nunca.
Trabalha na luz e na penumbra,
Trabalha até estar perto da tumba,
E outra turma sua tarefa assumo,
Porque o trabalho não acaba nunca (BOURBEL. Apud: NEELEMAN;
NEELEMAN, 2011, p. 95).

O primeiro poema, oferece uma visão impactante e intensa da experiência vivida em uma região marcada pela exploração da borracha, representada aqui como a "terra de árvores de borracha". Escrito por R. S. Stout, um trabalhador da ferrovia na Amazônia, o poema revela a dura realidade e as adversidades enfrentadas.

O poema reflete, ainda, a angústia e o despreparo dos trabalhadores que

desconheciam essa parte da Amazônia e os seus perigos. Tal característica é evidenciada nas obras que versam sobre a construção da Madeira-Mamoré, nelas essa parte da Amazônia é quase sempre comparada a um inferno verde, onde o calor extremo e o desconforto se entrelaçam. A região, ao ser equiparada ao inferno, evoca imagens de uma zona quente e praticamente insuportável, onde a natureza com suas chuvas de insetos insistia em desafiar a resistência humana.

Nos recônditos “inexplorados”, como afirmavam os colonizadores, onde a civilização se encontra à mercê da densa floresta, há sugestão de uma atmosfera sobrenatural, cujos “desvãos onde o diabo cozinha seus fantasmas” e adicionam uma camada de desespero e desolação ao já desafiador cenário. A metáfora dos “desvãos do diabo” sugere não apenas um ambiente físico, mas um espaço onde a escuridão da alma é moldada e fervilhada, transformando os desafios cotidianos em verdadeiros fantasmas a assombrar àqueles que ousam adentrar a Amazônia.

A figura do diabo dançando em torno de caixões intensifica o caráter sombrio e sinistro da terra das seringueiras. Aqui, o diabo não é apenas uma entidade distante e mitológica; ele é parte integrante do cotidiano, envolvendo-se com a vida e a morte de uma maneira que transcende o físico. A dança ao redor dos caixões representa não apenas a mortalidade iminente, mas também a constante presença da ameaça e da adversidade que permeiam a vida na selva.

O poema retrata um cenário impressionante e perturbador da experiência vivida por aqueles que se aventuraram nas entranhas da Amazônia. O calor intenso, a atmosfera sobrenatural e a presença constante do diabo convergem para criar uma narrativa que vai além do físico, explorando os desafios espirituais e emocionais de quem se aventura em um ambiente tão hostil e misterioso.

A alusão ao quinino em um barril revela a necessidade de enfrentar doenças tropicais, destacando as condições adversas e a constante luta contra enfermidades na região, sobretudo, a malária. A ideia de ter mais de sete vidas ressalta a extrema dificuldade de sobreviver nesse ambiente inóspito em que foram deixados.

A ambivalência na relação com o local é evidente na pergunta retórica sobre lamentar, ou não, estar na terra das árvores de borracha. A descrição do clima chuvoso é equilibrada pela resignação, indicando que mesmo com as adversidades, a única vontade é retornar para casa.

O poema aborda também a persistência das dificuldades diárias, mencionando insetos como o mosquito, o bicho-do-pé e o inseto rubro. Esses elementos da fauna e flora local são transformados em símbolos de incômodos constantes e representam as pequenas agonias cotidianas dos habitantes.

O poema "Trabalho" revela uma visão intensa e impactante da experiência laboral na ferrovia, refletindo as duras realidades enfrentadas pelos trabalhadores.

Escrito por B. A. de Bourbel, que também atuou na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, o poema ressoa com uma atmosfera febril e implacável, onde a jornada de trabalho parece não conhecer descanso.

O verso inicial, "O trabalho nunca termina", estabelece imediatamente o tom do poema, destacando a natureza incessante e incansável da atividade laboral na ferrovia. A ausência de tempo para alegria é enfatizada, sugerindo que a dedicação ao trabalho deixa pouco espaço para os prazeres da vida cotidiana. A expressão "Outro dia" reforça a ideia de adiamento constante, indicando que a busca pela felicidade é sempre postergada em prol do trabalho incessante.

A referência ao trabalho, persistir até estar "perto da tumba", evoca uma imagem sombria, indicando que a jornada laboral é tão inextinguível que perdura até as últimas fases da vida. A menção à passagem da responsabilidade para outra turma quando um trabalhador se aproxima da morte sugere a continuidade da tarefa, mesmo diante do término da vida.

A linguagem incisiva e a repetição de ideias contribuem para a ênfase no caráter interminável e exaustivo do trabalho, proporcionando uma reflexão profunda sobre a natureza da jornada laboral nas condições desafiadoras da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Imperativo se faz destacar que os dois poemas, juntamente com uma vasta literatura que aborda a epopeia da construção da modernidade na selva, retratam essa parte da Amazônia de maneira distorcida. Isso ocorre devido à falta de conhecimento sobre o local, combinada com as decepções resultantes das promessas feitas pelos empreiteiros aos trabalhadores, especialmente em relação aos salários. Muitas vezes, o que era prometido como remuneração suficiente para justificar a mudança acabava sendo insuficiente, impedindo os trabalhadores de retornarem aos seus países de origem.

Esses relatos, frequentemente impregnados pelo desconhecimento do ambiente amazônico, contribuíram para a construção de uma imagem distorcida da região, negligenciando aspectos cruciais da sua complexidade cultural, ambiental e social. Além disso, a dependência de narrativas oriundas de viajantes e trabalhadores da ferrovia pode ter resultado em uma representação unilateral e muitas vezes estigmatizada da Amazônia, perpetuando estereótipos e omitindo a riqueza e diversidade intrínsecas a essa parte do Brasil.

É vital reconhecer essas distorções na primeira fase da literatura rondoniense, pois isso nos permite entender não apenas a evolução do retrato literário da Amazônia, mas também a importância de perspectivas mais amplas e inclusivas para capturar a verdadeira essência da região.

A segunda fase da literatura rondoniense destaca-se, principalmente, pelo

florescimento da poesia. Curiosamente, o poeta que ganhou destaque nesse período não nasceu em Rondônia e tampouco abordou, como sugere o título de sua obra "Cousa Alguma", temáticas específicas sobre Porto Velho, cidade em que faleceu e foi sepultado em 1916. Estamos nos referindo a Vespasiano Ramos, um maranhense que é reverenciado como um dos precursores da Literatura de Rondônia. Essa aparente contradição levanta questionamentos sobre a escolha desse autor, que, apesar de ter produzido apenas uma obra, além não ser considerado um grande representante da literatura nacional, paradoxalmente, alcançou maior reconhecimento em Porto Velho do que em seu estado natal.

A explicação para essa peculiaridade pode residir na busca incessante por um nome significativo para a literatura rondoniense. Dentro desse contexto, Vespasiano Ramos emerge como uma figura que se aproxima mais dessa necessidade, não apenas por ter falecido em Porto Velho, mas também pela falta de representatividade literária estabelecida até então. Vespasiano foi autor de um único livro, mas acabou se tornando precursor da literatura local, o que representa a falta de identidade literária em Rondônia.

Podemos ainda asseverar que a escolha de Vespasiano Ramos como referência literária para Rondônia está intimamente ligada à busca por um grande nome que pudesse representar a emergente tradição literária no estado, como podemos observar no excerto abaixo,

[...] contemporâneo dos grandes parnasianos da Literatura Brasileira, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho e outros. Foi igualmente contemporâneo dos grandes simbolistas brasileiros, Cruz e Sousa e Alphonsus Guimaraens, além de haver sido contemporâneo do grande e original poeta paraibano, Augusto dos Anjos (MENDES; BUENO, 1984, p. 27).

A ênfase dada à Vespasiano Ramos, revela outra omissão: a produção literária, especialmente aquela veiculada por meio dos jornais. É relevante ressaltar que, no estudo realizado por Moura (1992), são mencionadas as colunas de expressão literária presentes nos periódicos, embora somente a partir do ano de 1969, sem qualquer menção anterior a esse período, como podemos observar no excerto abaixo,

[...] Em maio de 1969, o Alto Madeira começa a editar "Página Literária" [...]. Tempos depois surgiu "Estante de Cultura" editada por Kléon Maryan, que a partir de 1984, passa a chamar-se "Momento Lítero-Cultural" (MOURA, 1992, p. 11).

Essa observação ressalta a necessidade de uma análise mais abrangente da produção literária vinculada aos jornais, considerando não apenas o legado de Vespasiano Ramos, mas também os períodos anteriores a 1969. A ausência de referências nesse período inicial pode indicar uma subestimação da contribuição literária presente nos jornais antes desse ano, sugerindo a necessidade de uma investigação mais detalhada para compreender plenamente a evolução e diversidade da expressão literária na região.

Cabe-nos destacar, que a partir de 1917, o jornal Alto Madeira já incorporava em suas páginas as manifestações poéticas de homens e mulheres desta região amazônica. As

temáticas abordadas geralmente versavam sobre o amor, a dor, a saudade, a pátria, entre outros temas. Analisando os registros poéticos, observamos que a maioria deles tem homens como autores, tais como João Monte e Manoel Pinheiro (1917), Santos Junior (1918), Coelho Neto (1925), Américo Vieira (1926), Ribamar Pereira (1930), Domingos Oliveira (1938), entre outros. No entanto, também encontramos contribuições poéticas femininas, representadas por Júlia Lopes de Almeida (1922) e Élzira Costa (1925).²

É perceptível que a maior parte dessa produção poética está acessível, muitas vezes ocupando posição de destaque na primeira página do jornal. Essa disposição sugere que, devido à falta de uma pesquisa mais aprofundada, essa rica expressão artística pode ser facilmente encontrada, revelando a ausência de um interesse mais profundo na construção de uma memória que não se limitasse apenas aos relatos daqueles que saíram vitoriosos, mas que também abarcasse outras vozes.

A partir daí o que se deu foi a apologia de uma memória vencedora, produzida por uma elite letrada, que não queria perder privilégios e que tomou para si a incumbência de construir uma memória para região, como realça Souza (2011, p. 2),

[...] Esta memória foi feita a partir da junção de “retalhos”, sem uma costura precisa, para ser apresentada aos novos migrantes. A elite letrada criada durante o período que a região era Território Federal chamou para si esta tarefa num contexto de mudanças radicais com a transição para Estado e a intensa migração.

Alicerçada no mito fundador da cidade de Porto Velho, representada pela construção da ferrovia, e nas figuras proeminentes na colonização do estado, como Rondon e Aluizio Pinheiro (interventor da Madeira-Mamoré e primeiro governador do Território Federal do Guaporé), a literatura rondoniense entrou no que denominamos de terceira fase. Esse período foi caracterizado pela produção de livros, artigos e outras publicações que delinearam a transição de Rondônia de território para estado. Essa fase distingue-se pela presença marcante do signo da "trilha", uma vez que se tornou imperativo mapear os caminhos traçados pelos ditos "grandes homens" em prol do desenvolvimento de Rondônia e consagrá-los como parte integral do patrimônio cultural da região.

Neste contexto, surgiram diversas obras que ilustram e perpetuam essa narrativa, destacando os feitos dos chamados visionários que moldaram o destino do estado, como muitos autores costumam exaltar. Exemplos notáveis incluem *Caminhos de Rondon*, de Júlio Olivar; *Rondon, uma vida dedicada ao Brasil*, de Lourismar Barroso; o artigo *Rondon, o moderno bandeirante das selvas amazônicas*, de Edmar Coelho; *Em Memória: Aluizio Pinheiro Ferreira 1897-1997*, de Yêdda Borzacov; o artigo "A Saga de Aluizio Pinheiro Ferreira", de Emanuel Pontes Pinto; e *Teixeirão: um estadista a serviço de Rondônia*, de William Harverly Martins, somente para citar algumas obras.

Nessa etapa, é notável uma marcante herança do colonialismo que nos coloca co-

² As datas alinhadas aos nomes dos autores são referentes ao ano de publicação da notícia do jornal.

mo herdeiros de uma terra onde ainda persiste a dependência do colonizador para nos "libertar" e nos incorporar no processo civilizatório. Essa condição reflete a continuidade de uma dinâmica de dominação que permeou as fases anteriores, mantendo-nos atrelados a uma narrativa que sugere a necessidade de orientação externa para o desenvolvimento e progresso.

A persistência dessa mentalidade colonialista evidencia a complexidade da relação entre colonizador e colonizado, revelando uma dinâmica na qual a autonomia local é subjugada pela influência externa. Essa ideia de "libertação" por meio da intervenção do colonizador sugere uma visão paternalista que, por vezes, perpetua uma noção de inferioridade ou incapacidade inerente ao contexto local.

Essa herança do colonialismo, presente nesta fase da literatura rondoniense, lança luz sobre a necessidade crítica de repensar e redefinir as relações de poder e influência na sociedade. Exige uma reflexão sobre como as narrativas coloniais moldam a percepção de autonomia e progresso, além de inspirar um questionamento sobre a verdadeira natureza da liberdade em contextos pós-coloniais.

Para transcender essa herança colonial, é necessário explorar e promover narrativas que valorizem as contribuições locais, que reconheçam a autonomia e capacidade de autodeterminação da comunidade. A construção de uma identidade pós-colonial que subverta atitudes colonizadoras e que silenciam as vozes das margens e suas expressões culturais requer uma abordagem crítica, inclusiva e reflexiva, na qual a terra e seus habitantes não se vejam mais como dependentes do colonizador, mas como agentes ativos e capazes de forjar o próprio destino, em um processo civilizatório que respeita e integra as diversas vozes e culturas locais.

Destacamos que, principalmente a partir do início do século XXI, a produção literária em Rondônia tem testemunhado a presença de novos de novos autores e autoras a exemplo de Elizeu Braga, Erlândia Ribeiro, Janaína Chaves, Binho, dentre outros e outras que trazem uma notável diversificação em suas temáticas. Atualmente, há um contingente significativo de pesquisadores que se em coletar as narrativas de "causos" amazônicos, contribuindo para uma discussão mais aprofundada sobre a rica cultura cabocla. Além disso, há aqueles que exploram histórias de assombração, proporcionando a análise das paisagens do medo na região, dentre outras temáticas que enaltecem a cultura local.

Essa nova geração de autores e pesquisadores não apenas amplia o escopo temático da literatura local, mas também abraça uma abordagem mais inclusiva e diversificada, oferecendo perspectivas frescas e autênticas sobre a complexidade cultural da Amazônia. A pluralidade de vozes e experiências reflete uma resposta dinâmica aos desafios contemporâneos, criando um rico cenário literário que transcende estereótipos e amplia as fronteiras da representação.

Outro aspecto notável é a presença crescente de trabalhos acadêmicos e artigos que se dedicam à construção de uma identidade local, focada em uma proposta decolonial. Essas produções não apenas contribuem para a desconstrução de narrativas coloniais arraigadas, mas também promovem uma compreensão mais profunda e contextualizada da diversidade cultural e histórica da região.

Considerações finais

Esse artigo não tem a pretensão em ser conclusivo, posto que se originou de um projeto de pesquisa em andamento que versa sobre a produção literária de Rondônia. Apresentamos nesse artigo uma visão geral pontuando três fases da literatura Rondoniense. A primeira, caracterizada pelos relatos dos viajantes e narrativas históricas; a segunda, pelo florescimento da poesia dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré e pelo destaque dado a Vespasiano Ramos; e a terceira fase marcada por uma reverência aos colonizadores da região.

A literatura contemporânea em Rondônia, ao incorporar novos temas e perspectivas, desempenha um papel crucial na formação e expressão da identidade local, refletindo as complexidades e evoluções da sociedade amazônica neste século.

Essas iniciativas têm gerado a formação de novos leitores em um estado que enfrenta carências significativas de livrarias e bibliotecas públicas. Além disso, têm permitido perceber que é possível abrir "fissuras nos muros da cidadela que nos condena à incomunicação", como sugere Galeano (1988, p. 22). Para alcançar esse feito, torna-se imperativo, antes de questionarmos sobre a existência de literatura em Rondônia, conhecer os autores e se envolver com suas obras. Na atualidade, observamos que tais produções não apenas contribuem para revelar o que causa dor, mas também para nos compreendermos e nos salvarmos do paradigma literário excludente que predominou por anos nesta parte da Amazônia.

Ao enfatizar a importância de conhecer os autores locais e se envolver com suas produções, abre-se a possibilidade de transcender as limitações impostas pela escassez de infraestrutura literária. A citação de Galeano destaca a capacidade de romper com barreiras, evidenciando que a comunicação e a expressão cultural podem prevalecer mesmo em ambientes desfavorecidos. Sendo assim, ao mergulharmos nas obras literárias produzidas em Rondônia, não apenas enriquecemos nosso entendimento da realidade local, mas também desafiamos as restrições que historicamente impactaram a difusão da literatura na região.

A literatura contemporânea em Rondônia, ao questionar, denunciar e explorar as nuances de sua própria narrativa, destaca-se como um instrumento poderoso para desconstruir estereótipos e superar as limitações impostas por um passado literário excludente.

Referências

- BADRA, Edson. *Literatura de Rondônia - Caderno Cultural*. Porto Velho: Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Turismo. 1987.
- BARROSO, Lourismar. *Rondon, uma vida dedicada ao Brasil*. Porto Velho: Amazon, 2022.
- BORZACOV, Yêdda Pinheiro. *Em memória: Aluizio Pinheiro Ferreira 1897-1997*. Porto Velho. Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo de Rondônia, 1997.
- CRAIG, Neville B. *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré - história trágica de uma expedição*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.
- FALKENBURGER, Kurt. *As Botas do Diabo*. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1979.
- FERREIRA, Barros. *O Romance da Madeira-Mamoré*. São Paulo: Clube do livro, 1963.
- FERREIRA, Manoel. *A Ferrovia do Diabo*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- GALEANO, Eduardo. *A descoberta da América (que ainda não houve)*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: UFRGS, MEC/SEu/PROEDI, 1988.
- MARTINS, William Haverly. *Teixeirão: um estadista a serviço de Rondônia*. Porto Velho: Imediata, 2018.
- MENDES, Matias; BUENO, Eunice. *Síntese da Literatura de Rondônia*. Porto Velho: Genese-TOP, 1984.
- MOURA, Viriato. *Questões de Literatura de Rondônia*. Porto Velho: Grafibrindes, 1982.
- NEELEMEN, Rose; NEELEMEN, Gary. *Trilhos na Selva – o dia a dia dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré*. São Paulo: Bei Comunicação, 2011.
- RAMOS, Joaquim Vespasiano. *Coisa alguma...* Porto Velho: Gênese-Top/Conselho Estadual de Cultura, 1984.
- OLIVAR, Júlio. *Caminhos de Rondon*. Porto Velho: Temática, 2014.
- PESSÔA, Pinto. *Selva Selvagem – No País das Amazonas*. Rio de Janeiro: O Norte, 1923.
- PINTO, Auxiliadora dos Santos. *Literatura e História: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO*. Porto Velho: Temática, 2021.
- PINTO, Emanuel Pontes. “A saga de Aluizio Pinheiro Ferreira”. Em *Compêndio de história e cultura de Rondônia*. Porto Velho: FUNCER, 1995

SANTOS, Simon Oliveira dos. *Trem das almas*. Porto Velho: Temática, 2020

SOUZA, Márcio. *Mad Maria*. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia, ou Literatura Amazônica? In: *Revista Sentidos da Cultura - Belém/Pará*. V.1. N. 1. Jul-dez/2014.

SOUZA, Waldir Aparecido de. *Rondônia, uma Memória em Disputa*. (Tese de Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2011.

VILLAFANE, Ricardo Virhuez. *Letras indígenas em la Amazonía Peruana*. Lima, Pascalle Ensayos, 2011.